



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

AMANDA DE HOLANDA COSTA

**A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PROPULSOR DA APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS COM COMPORTAMENTO AGRESSIVO**

JOÃO PESSOA
NOVEMBRO DE 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

AMANDA DE HOLANDA COSTA

**A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PROPULSOR DA APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS COM COMPORTAMENTO AGRESSIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora: Prof.^a Ana Paula Serafim Marques
da Silva.**

JOÃO PESSOA
NOVEMBRO DE 2016

A LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PROPULSOR DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ana Paula Serafim Marques da Silva
(Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba -
UFPB

Prof^ª. Isabel Marinho da Costa
Universidade Federal da Paraíba -
UFPB

Prof^ª. Ana Luisa Nogueira de Amorim
Universidade Federal da Paraíba -
UFPB

Às crianças que sofrem pelo abandono familiar, especialmente às crianças e adolescentes (que um dia foram crianças) da Fundação São Padre pio, que me ensinam a cada dia a “amar, amar e nada mais”

São Padre Pio de Pietrelcina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que com sua misericórdia me sustenta, fortalece, capacita e impulsiona a trilhar os mais diversos caminhos, como foi o curso de Pedagogia, que com toda certeza foi obra das mãos Dele. E à Maria, Virgem Mãe, que me ensina a viver a vocação de cuidar e amar àqueles que desde pequenos tiveram os seus corações feridos, principalmente por causa da ausência de uma família.

Agradeço aos meus pais que com todo amor cuidaram de mim, e desde criança me estimularam à leitura e ao estudo, me ensinando o valor do conhecimento para a vida do ser humano.

Agradeço a Comunidade Filhos da Misericórdia/Fundação São Padre Pio que acreditou na minha vocação, me confiando à responsabilidade de realizar mais essa missão de cursar pedagogia.

Agradeço às crianças e adolescentes acolhidos na Fundação, que foram o verdadeiro motivo utilizado por Deus, para que em meu coração nascesse o desejo de cursar pedagogia, para melhor educá-las em sua formação espiritual e social.

Por fim, agradeço à minha orientadora Prof^ª Ana Paula, que mesmo em um tempo tão curto e corrido, aceitou me conduzir e direcionar nessa pesquisa, com dedicação e paciência.

“Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isso em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de brinquedos. Deus vê o mundo com os olhos de uma criança.”

Rubem Alves

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de analisar a ludicidade como estratégia de ensino eficiente na aprendizagem de crianças com comportamento agressivo, considerando que o lúdico é um instrumento propulsor no estímulo do aprendizado infantil. Para tanto, esta pesquisa se inicia buscando verificar a origem da agressividade em crianças com idade pré-escolar, relacionando esse comportamento, sobretudo com a desestruturação familiar e refletindo como isso pode afetar a aprendizagem infantil. Além disso, discute sobre a importância da compreensão do professor sobre tais atitudes, para assim poder criar estratégias de ação eficazes, cujos métodos estejam encerrados na ludicidade, para assim melhor alcançar as crianças e o desenvolvimento destas acontecer de forma integral. Discorre, assim, sobre a importância da ludicidade no aprendizado e desenvolvimento infantil, tendo como referência para esta prática o volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998). Para embasar nosso trabalho, no valemos de Winnicott (1946), Maia e Vilhena (2003), Novaes (1975), Pilleti (1986) e Weil (1984) no tocante a agressividade em crianças de 0 a 6 anos; Negrine (1994), Pickard (1975) e Biddulf (2003) sobre a importância de o professor ir além dos atos das crianças na sala de aula.

Palavras-chave: Agressividade. Família. Professor. Ludicidade.

ABSTRACT

This research was realized in order to analyze playfulness is an efficient method of teaching learning of children with aggressive behavior, considering that the playfulness is a tool pusher in stimulating children's learning. Therefore, this research begins in order to verify the origin of aggressiveness in children with preschool age, relating this behavior especially with Family breakdown and reflecting how this affects the children's learning process. Further, it discusses the importance of understanding the teacher about such attitudes, so as to be able to create an effective action strategies, which methods are these happen in full talks, thus, about the importance of playfulness in learning and children's development with reference to this practice the volume 3 of the National Curriculum Referential for Early Childhood Education (RCNEF, 1998). To support our work, we are Worth of Winnicot (1946), Maia and Vilhena (2003), Novaes (1975), Pilleti (1986) and Weil (1984), with regard to aggressiveness in children aged 0 to 6 years old. Negrine (1994), Pickard (1975) and Biddulf (2003) about the importance of the teacher to go beyond the acts of children in the classroom.

Keywords: Aggresiviness. Family. Teacher. Playfullness.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 10 |
| 2. O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA | 14 |
| 3. A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DO PROFESSOR DIANTE DE UM COMPORTAMENTO AGRESSIVO | 18 |
| 4. A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM | 21 |
| 4.1 Algumas Atividades Lúdicas..... | 22 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: | 34 |

1. APRESENTAÇÃO

Nos tempos atuais, infelizmente é comum e frequente nos depararmos com muitas famílias desestruturadas, isto é, famílias que não possuem estruturas afetivas, sociais, educacionais, econômicas e psicológicas para cuidar dos filhos e proporcionar a eles a garantia de seus direitos básicos, tornando muitas crianças órfãs de pais vivos. O que torna esta condição ainda mais grave é que não vislumbramos a curto, médio ou longo prazo, nenhuma possibilidade destas famílias adquirirem a condição de proporcionar o cuidado necessário às suas crianças, o que interfere de forma direta no seu desenvolvimento biológico, psicológico e social.

O artigo 4º do Estatuto da Criança e do adolescente - ECA (Lei Nº 8.069/90) deixa evidente que é dever da família, da comunidade, da sociedade e do poder público em geral assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação de todos os direitos da criança e do adolescente. Quando não há o cuidado da família, a primeira instância responsável por estes, a criança perde o seu quadro de referências e passa a buscá-lo em outros adultos que estejam ao seu redor, e isso pode afetar o comportamento dela e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento e capacidade de aprendizado.

De acordo com Piletti (1986), a forma em que se encontra estruturada a família, a posição da criança entre os seus membros, o tipo de educação familiar vivenciada, entre outros, são fatores que podem fazer com que a criança tenha um comportamento mais agressivo na tentativa de ter atenção e se sentir acolhida, e isso atinge diretamente a capacidade de aprendizado e, conseqüentemente, interfere no rendimento escolar, prejudicando ou facilitando a aprendizagem.

Diante dessa realidade, alguns professores podem não saber lidar com tal situação e desenvolver ou exercer um comportamento mais autoritário, o que também influencia diretamente no comportamento dos alunos, e pode fazer com que a criança tenha uma reação ainda mais negativa diante dos fatos. Então, qual a melhor forma de reagir e interagir para que a aprendizagem aconteça?

Sabemos que a criança tem um jeito próprio de interagir com o mundo ao seu redor e de lidar com as diversas realidades na qual ela vive. E esse modo peculiar se dá através do brincar. Diante disso, a utilização do lúdico como estratégia docente pode tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, possibilitando à criança um maior interesse naquilo que está

sendo ensinado e também proporcionando a ela um meio de se expressar para assim entender e lidar com os acontecimentos que a rodeiam.

Nesse sentido, de que forma o lúdico influencia no processo de ensino-aprendizagem de crianças com comportamento agressivo? A fim de pesquisar sobre isso, este trabalho tem o objetivo de analisar, através de pesquisa bibliográfica, a ludicidade como instrumento propulsor da aprendizagem de crianças com comportamento agressivo, verificando se o comportamento apresentado na sala de aula tem relação com a desestruturação familiar, discutindo como esse comportamento pode influenciar no processo de aprendizagem e entendendo que o lúdico é uma estratégia de ação adequada para estimular o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem dessas crianças.

As principais motivações para essa pesquisa foi a convivência com crianças que vivem em instituições de acolhimento, por motivos de risco social ocasionados pela desestruturação de suas famílias. Tendo em vista que o acolhimento institucional, apesar de ser uma medida protetiva prevista pelo ECA (1990) no artigo 101, é uma agressão à criança por privá-la do direito de viver em uma família, seja por omissão desta ou omissão do Estado e da sociedade, as crianças apresentam um comportamento antissocial tanto dentro da instituição como na escola. Porém nesta, muitas vezes, as professoras não sabiam lidar com tais comportamentos.

O outro fato que nos levou à decisão de realizarmos este trabalho foi o convívio, durante a realização do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com as crianças de um Centro de Referência em Educação Infantil, localizado em João Pessoa. Nesse estágio foi aplicado um projeto de intervenção sobre o Meio Ambiente, tema este que já estava sendo trabalhado na creche pelas professoras com as crianças.

Durante o estágio, o que mais chamou a atenção foi o comportamento de algumas crianças que, quando a professora permitia que elas brincassem livremente, elas simbolizavam armas e faziam afirmações como “vou matar você”. Dentre elas, uma criança chamou mais atenção por ser mais agressiva, pois enquanto as outras crianças brincavam simbolizando as armas, mas sem agressão física, esta quando não se entendia com um colega batia nele, chegando até a bater na monitora quando era contrariada. Porém, a criança não tinha esse comportamento com a professora, ela a respeitava e obedecia. A professora se tornou a referência que a criança precisava, já que esta não possuía um quadro de referência na sua família.

A professora sabia lidar bem com o comportamento agressivo da criança, ela conhecia bem os conflitos existentes na família desta, e por isso conseguia ter um maior

controle sobre as atitudes dela, utilizando estratégias de ação, que permitiam a criança se expressar e desenvolver a sua aprendizagem.

Dentre as atividades utilizadas pela professora para com as crianças, havia as que tinham caráter lúdico e foi percebido que eram nestas que a criança mais se envolvia integralmente, pois ela gostava muito de atividades que envolviam desenho, pintura, música e dança. Foi percebido, também, que dentre as atividades do projeto de intervenção, as que tinham a ludicidade como estratégia de ação eram as que a criança mais se interessava e se empenhava em realizar.

Diante disso, com a perspectiva de melhor contribuir para o processo ensino aprendizagem de crianças que demonstram comportamentos mais agressivos, devido às prováveis consequências da desestruturação familiar em suas histórias de vida, é que esse trabalho vem, por meio da pesquisa bibliográfica, propor a ludicidade como meio mais eficiente para alcançá-las.

Esse tipo de pesquisa parte “de um saber em que questionamos, aprofundamos, criticamos e propomos” (BRENNAND, MEDEIROS, FIGUEIREDO, 2012, p. 70), por isso são os estudos dentro da psicologia educacional, com o objetivo de melhor entender os fatores que tornam uma criança na idade pré-escolar a apresentar um comportamento agressivo, bem como o estudo sobre a importância da ludicidade no processo de aprendizagem, que aprofundam e fundamentam a pesquisa realizada.

O foco da pesquisa se restringe às crianças da educação infantil, já que o currículo do curso de Pedagogia realizado ainda não abrangia o ensino fundamental, mas apenas as crianças de 0 a 6 anos. Sobre a importância de pesquisa nesta área Brennand, Medeiros, Figueiredo (2012) apontam:

[...] a pesquisa em educação infantil busca dar maior visibilidade às novas concepções e práticas, buscando superar antigos conceitos e consolidar uma nova concepção de infância e de Educação Infantil respaldada na política educacional brasileira. (BRENNAND, MEDEIROS, FIGUEIREDO, 2012, p. 61)

Ressaltamos que esta pesquisa bibliográfica se deu a partir do estudo de livros, artigos e sites que abordam o tema proposto, assim como *in loco* na Biblioteca Central da UFPB, a fim de coletar material relevante a cerca do nosso *corpus* que seguirá o posicionamento da psicologia educacional, indicada para o estudo do comportamento infantil, dos fatores que podem interferir nesse comportamento e, consequentemente, interferir no processo de aprendizagem.

Na psicologia educacional, podem ser encontrados vários autores falando sobre os mais diversos temas, dentre estes podemos citar Nelson Pilleti (1986), que aborda esse tema em seu livro *Psicologia Educacional*, bem como a pesquisa dentro da ludicidade infantil, a fim de estudar quais os benefícios da utilização do lúdico na aprendizagem das crianças, especificamente nas que são mais agressivas. Após o estudo nessas áreas, relacioná-las faz-se necessário para se obter a conclusão se, de fato, as estratégias de ensino que se utilizam da ludicidade possuem mais eficácia na educação de crianças que apresentam comportamentos agressivos.

Este trabalho é composto, além deste primeiro capítulo, que trata da organização geral do trabalho, de mais três capítulos. No segundo capítulo, sobre a origem da agressividade em crianças de 0 a 6 anos, visto que são essas que frequentam a educação infantil, destacamos a relação da agressividade com a ausência dos cuidados da família. Nesse capítulo utilizaremos os teóricos Winnicot (1946), Maia e Vilhena (2003), Novaes (1975), Pilleti (1986) e Weil (1984).

A seguir, no terceiro capítulo, discutimos sobre a importância de o professor ir além dos atos das crianças na sala de aula, de ir à busca de sua história de vida e buscar compreender como esta influencia em seu comportamento em sala de aula. A compreensão do professor é fundamental para que ele possa fazer a mediação pedagógica necessária e assim buscar melhores métodos de ensino para que a aprendizagem da criança aconteça de forma plena. Utilizamos autores como Negrine (1994), Pickard (1975) e Biddulf (2003).

No quarto capítulo contextualizamos sobre a ludicidade como melhor estratégia de ensino e aprendizagem para crianças da educação infantil, enfatizando as que possuem atitudes agressivas. Essa reflexão será feita a partir de quatro eixos que norteiam o volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (RCNEI, 1998): Artes Visuais, Movimento, Música e Linguagem oral e escrita. Além do RCNEI (1998), utilizamos autores como Vygotsky (2009), Sena, Macedo e Soares (2012), Apaz et al (2012), Harres, Pain e Einloft (2001), Albinat (2009) e Schmidt (1969).

Por fim, trouxemos algumas considerações a partir dos resultados obtidos com a realização deste trabalho. Acreditamos que é essencial a formação e preparação dos professores para lidar com as mais diversas situações sociais nas quais as crianças se encontram, visto que estas passam maior parte do dia nas creches e pré-escolas, pois essas situações e o ambiente no qual as crianças estão inseridas influenciam diretamente no comportamento delas dentro das instituições de ensino.

2. O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA

No início do desenvolvimento infantil, a criança, diante das suas primeiras frustrações, pode desenvolver um comportamento mais agressivo, com a intenção de ter as suas vontades realizadas. E esse comportamento é considerado normal, visto que a criança, nos primeiros anos, ainda não possui a fala totalmente desenvolvida, e passa a se expressar muito mais pelo comportamento do que com as palavras. Assim, cabe à família ser a responsável por fazer com que essa conduta seja controlada, para que o desenvolvimento da criança aconteça de forma saudável. Sobre o comportamento infantil Winnicot (1946 apud. LUZ, 2005) afirma:

Como é uma criança normal? Ela simplesmente come, cresce e sorri docemente? Não, não é assim. Uma criança normal se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Tudo o que leva as pessoas aos tribunais (ou aos manicômios, pouco importa no caso) tem seu equivalente normal na infância, na relação da criança com o seu próprio lar. Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar; mas primeiros os negócios, os testes têm que ser feitos e, especialmente, se a criança tiver alguma dúvida quanto à estabilização da instituição parental e do lar (que para mim é muito mais que uma casa). Antes de mais nada a criança precisa estar consciente de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável. (WINNICOT, 1946, p. 121 apud. LUZ, 2005, pp. 22-23)

Porém, tendo em vista que um dos aspectos que contribuem para a formação e desenvolvimento da criança são as influências do meio ao qual ela está exposta, e que esse meio nos primeiros anos de vida é o ambiente familiar, pode-se afirmar que a falta de coerência e clareza na postura dos pais quanto à educação da criança, é um dos principais fatores que influenciam no comportamento infantil. Ou seja, o comportamento agressivo desenvolvido diante das primeiras frustrações, pode ser acentuado e alcançar maiores proporções se a criança não tiver um quadro de referência bem definido, que lhe dê a confiança e a segurança necessárias.

Segundo Maia e Vilhena (2003, apud. SANTOS 2008, s/p), a base do comportamento agressivo encontra-se inicialmente nos pilares parentais, na falha das funções maternal e paternal. A agressividade seria o modo como a criança buscaria resolver a inversão de papéis ou a diluição deste.

É muito importante que a criança encontre no ambiente familiar sentimento de segurança e amparo, de modo que ela possa manifestar-se espontaneamente sem ser rejeitada. Apenas quando se sente segura e aceita é que a criança experimenta outras habilidades de imaginação e criação, aumentando seu conhecimento de mundo e de si mesma. Porém, quando a criança não possui esse sentimento de segurança, ela manifesta um conflito agressivo em outros ambientes com o objetivo de encontrar outro quadro de referências.

De acordo com Novaes (1975), a carência de cuidados maternos pode causar uma alteração na capacidade da criança de estabelecer trocas afetivas com outras pessoas, o que pode dificultar a sua adaptação ao meio ambiente. Ou seja, crianças que, por algum motivo, não receberam o cuidado da família podem não se adaptar ao ambiente escolar, e ter dificuldade de relacionamento com os professores e colegas. Winnicot (2005) nos fala da relação adulto criança. Para ele, o ser humano é uma pessoa que para existir e se desenvolver precisa de outro ser humano, ou seja, a responsabilidade é compartilhada entre família, sociedade e poder público, superando, assim, a ideia da mãe ser a única responsável.

Sendo assim, ainda segundo Novaes (1975), crianças com essa carência apresentam atitudes ambíguas em relação aos professores e colegas: por um lado sentem necessidade de contatos afetivos e por outro, sentem medo de serem novamente frustradas, e assim, ao mesmo tempo em que procuram afeto e carinho, agredem e hostilizam os demais. Em relação à importância do sentimento dos pais para com os filhos Pilleti (1986) elucida:

Os sentimentos que os pais têm em relação à criança, durante os anos anteriores à escola, são de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para a sua aprendizagem escolar. Esses sentimentos contribuem para que a criança desenvolva o conceito de si própria (o autoconceito), o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. (PILLETI, 1986, pp. 275-276)

Ainda, consonante a Pilleti (1986), a família que educa a criança com amor, paciência e coerência estimula o desenvolvimento da autoconfiança e espontaneidade, o que favorece a disposição para aprender. Já as crianças que crescem em famílias em que não há amor, manifestam a necessidade de atenção e carinho, e assim podem se sentir satisfeitas quando punidas, pois estão recebendo algum tipo de atenção, o que é melhor que a indiferença. Como afirma Weil (1984, apud. FRANCO, 2015):

[...] o comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reação às atitudes de seus pais. Foi constatado que a maioria

dos problemas de comportamento, como ausência de atenção e agressividade, é reflexo da conduta dos pais. Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostrando sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma das causas para tudo isso seja um relação conflituosa [sic] com a família ou a relação, também conflituosa, entre os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressões físicas ou verbais. Este fenômeno, tão comum, leva a criança a pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando a atenção para si, no ambiente escolar. (WEIL, 1984, p. 47 apud FRANCO, 2015 s/p)

Esse comportamento agressivo manifestado com atitudes visíveis, na intenção de chamar a atenção para si dos adultos, seja no ambiente escolar ou familiar, é a mais fácil de ser percebida na criança. Porém, existe a criança que sofre em silêncio e reprime o seu conflito agressivo, tendo como consequência o afastamento do convívio social e ainda aquelas que projetam a agressividade nos sonhos, isto é, nos sonhos a criança pode manifestar a sua agressividade sem ter consequências concretas no mundo real. Sobre essa questão Winnicot (2005 apud. PIMPINATO, 2012) aponta:

Outra opção mais madura para o comportamento agressivo é a criança sonhar. Nos sonhos, a destruição e o assassinato são experimentados em fantasia e essa atividade onírica está associada a um grau de excitação no corpo; é uma experiência concreta e não apenas um exercício intelectual. (WINNICOT 2005, p. 106 apud. PIMPINATO, 2012, p. 20)

Para Winnicot (2005), diante da agressividade é preciso que alguém a enfrente, por isso a família e a escola tem papel fundamental diante desse comportamento, pois essas duas instituições acompanham diariamente o desenvolvimento da criança e só através da influência construtiva do ambiente que vai ajudar no autocontrole.

Às vezes, a agressão se manifesta plenamente e se consome, ou precisa de alguém para enfrentá-la e fazer algo que impeça os danos que ela poderia causar. Outras vezes os impulsos agressivos não se manifestam abertamente, mas aparecem sob a forma de algum tipo de oposto. (WINNICOT, 1964, p. 93 apud. LUZ, 2005, p. 15)

Dessa forma, fica evidente que cada criança terá um jeito próprio de manifestar o que acontece dentro de si, não necessariamente expondo com clareza os sentimentos angustiantes ocasionados pela ausência do cuidado e segurança do ambiente familiar. Nesse sentido, cabe ao professor estar atendo à individualidade de cada criança e buscar conhecê-la não apenas no ambiente da sala de aula, mas também conhecer a sua história de vida e como esta reflete no

ambiente escolar. No próximo capítulo trataremos sobre a questão da compreensão do professor diante dos conflitos apresentados pelas crianças.

3. A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DO PROFESSOR DIANTE DE UM COMPORTAMENTO AGRESSIVO

O professor deve trabalhar como um pesquisador, identificando problemas de ensino, construindo propostas de solução com base na literatura e em sua experiência, colocando em ação as alternativas planejadas, observando e analisando resultados obtidos, corrigindo percursos que se mostram poucos satisfatórios.

ANDRÉ (Org), 2013, p. 16

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2013, p.36), a educação infantil é um complemento da educação familiar e da comunidade. Ou seja, para se ter uma boa qualidade na educação é preciso que essa parceria e complementariedade entre família e escola de fato aconteça. Porém, quando uma das partes não funciona, a outra também é atingida e assim a educação pode ficar comprometida. É o que acontece quando a família, responsável pela primeira educação das crianças, não cumpre o seu papel.

E para que a escola também não deixe de fazer a parte cabível a ela, é necessário que os professores estejam comprometidos com a educação das crianças e assim busquem os melhores métodos de ensino para que a aprendizagem aconteça e as crianças sejam preparadas e formadas socialmente.

É importante o professor procurar saber as razões dos comportamentos da criança e procurar compreendê-la. Conhecer o seu aluno e não julgar apenas o comportamento dele é a melhor atitude que o professor poderá ter para não se comportar de forma autoritária e criar estratégias para que a aprendizagem aconteça de forma eficiente.

Não é adequado a conduta autoritária do professor diante das atitudes agressivas da criança, é sim necessário que este tenha autoridade na sala de aula, de modo que se tenha domínio sobre a agressividade e esta não saia do controle e a criança se sinta livre para assumir a autoridade. Pois quando a criança não possui em sua casa a referência necessária de cuidado, amparo e segurança, ela procura essa referência em outros lugares, e a escola é o lugar propício para a criança buscar essa referência e encontrá-la. E essa busca se dá, muitas vezes, através de seu comportamento.

Ou seja, é importante que o professor compreenda que ao manifestar um comportamento agressivo na sala de aula, a criança pode estar procurando na escola o que não encontrou em casa. Assim como no ambiente familiar a criança testou os pais para verificar se

naquele ambiente ela teria a segurança de que ela precisa, não encontrando um ambiente estável na família, ela irá reproduzir esses testes na escola a fim de encontrar o que ela necessita, isto é, um ambiente que apesar de seus comportamentos destrutivos não a rejeite e se mantenha estável.

Por isso, o professor deve estar atento à sala de aula como um todo e ao mesmo tempo atento à individualidade do aluno, observando as menores mudanças no comportamento, pois as atitudes da criança podem ser um alerta ao professor de que ele precisa mudar a sua metodologia em sala de aula para despertar o interesse do aluno em aprender. Segundo Negrine (1994 apud. DALPIAZ, 2004):

O professor para lidar com a agressividade das crianças e consequentemente ajuda-las a se desenvolver, necessita ter capacidade de escuta muito grande e saber observar as crianças em diferentes situações para posteriormente, estabelecer estratégias de ação. (NEGRINE, 1994, p. 36 apud. DALPIAZ, 2004, p. 32)

As crianças, muitas vezes, não conseguem expressar com palavras aquilo que estão sentindo e o fazem por meio do comportamento. Cabe ao professor perceber isso e, de forma adequada, direcionar a criança para que se expresse de outra forma que não seja com agressividade.

É melhor cuidar para que as crianças disponham de material conveniente para adaptar às suas necessidades emocionais, de modo que possam prosseguir em sua tarefa de elaborar, pelo seu próprio caminho, a maneira de compreender situações alarmantes. [...]. Nossa tarefa, ao auxiliar-lhes o sobrecarregado aparelho de repressão, consiste em fornecer-lhes o material e manifestar uma apreciação, em grande parte sem palavras, diante de sua expressão sem palavras. Esta dupla tarefa de fornecer simultaneamente material e apreciação, adapta seu meio ambiente, de maneira que possam chegar a um acordo com seus fortes sentimentos. (PICKARD, 1975, p. 145)

Diante disso, acreditamos que o “material conveniente” citado acima pelo autor, é a ludicidade como estratégia de ensino, pois o professor irá dispor de materiais que tornarão as atividades mais prazerosas para a criança, estimulando o seu desenvolvimento integral e dando-lhe oportunidade de expressar-se livremente e reelaborar as diversas situações vivenciadas e reorganizar os sentimentos dentro de si mesma.

É importante que de fato o professor busque tanto o material adequado como a metodologia adequada para ministrar a aula da melhor maneira possível, para que ele saiba lidar com as diferentes atitudes das crianças de forma coerente. Pois assim como as atitudes

dos pais refletem nas atitudes da criança, as atitudes do professor também refletem no comportamento desta.

Se o professor não souber lidar com comportamentos antissociais e passar a ter também comportamentos agressivos para controlar as crianças, como gritar na sala de aula com a intenção de colocar ordem, irá inspirar em seus alunos comportamentos semelhantes, e assim com o passar do tempo terá em sua sala de aula atitudes tão agressivas quanto as suas ou comportamentos retraídos por medo de punições. Biddulfh (2003 apud. DALPIAZ, 2004) ressalta que:

A maneira de estabelecer um relacionamento benéfico e significativo com uma criança agressiva é a persistência: permaneça firme e não fique nervoso nem irritado. Olhar nos olhos especialmente com uma pitada de humor por trás deles, ao mesmo tempo em que permite que você reforce sua firmeza, irá demonstrar que você é poderoso o bastante para conter uma criança, e que, portanto, ela pode começar a relaxar. (BIDDULFH, 2003, p. 124 apud DALPIAZ, 2004, p. 33)

Portanto, é fundamental que o professor saiba como agir diante de atitudes agressivas, sempre estando disponível para melhor ajudar a criança, não se impondo de forma inadequada, mas buscando a melhor estratégia de ação, de forma que dê oportunidade para a criança se expressar e não reprimir os sentimentos que existem dentro dela.

No próximo capítulo, analisaremos a ludicidade como estratégia de ação docente, visto que as crianças tem um modo particular de lidar com o mundo ao seu redor através do brincar.

4. A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

Sabe-se que a criança tem um jeito particular de interagir com o mundo, de compreender o que acontece ao seu redor, e que isso se dá através do brincar. Por meio das brincadeiras as crianças reproduzem experiências já vivenciadas, a imaginação é estimulada e a construção mental da diferença entre o real e o imaginário é realizada. Além disso, com as brincadeiras a criança aprende a conviver e a se relacionar com o outro.

Nesse sentido, especialmente na educação infantil, é importante que o professor utilize a ludicidade como estratégia de ensino, para que a aprendizagem aconteça de forma prazerosa e a criança possa, através das brincadeiras, demonstrar o que pensa e entende da realidade ao seu redor.

Ao brincar, a criança imita o mundo real, e ao fazê-lo ela coloca em prática a sua imaginação, mostrando suas dúvidas, incômodos e expectativas. Ou seja, ao utilizar a ludicidade como estratégia de aprendizagem, o professor não só estará tornando prazeroso o ato de aprender, e assim o processo de aprendizagem será mais eficaz, como também, o professor estará permitindo que a criança se expresse e coloque em evidência os seus sentimentos, para que assim ela possa compreender os acontecimentos do ambiente no qual ela está inserida e saiba, de alguma forma, lidar com eles, pois como afirma Vygotsky (2009 apud. FERRARI; SAVENHAGO; TREVISOL, 2014) a brincadeira é mais do que uma simples recordação do que ela viveu, é uma reelaboração criativa das impressões vivenciadas.

Assim, a utilização da ludicidade dentro da sala de aula como instrumento de ensino e aprendizagem com todas as crianças, mas dando ênfase àquelas com comportamento agressivo, torna o aprendizado mais leve e contribui para a criação dos laços afetivos entre o professor e a criança, dando a possibilidade de o professor conhecer melhor o seu aluno e ajudá-lo em sua formação social.

Ao usar a brincadeira o professor consegue ter uma relação interativa com o aluno, podendo conhecê-lo melhor, acompanhando de perto o processo de aprendizagem desta criança, observando suas características sociais, culturais e psicológicas; pois a escola não deve apenas ‘educar’ a cognição dos alunos, mas fornecer subsídios para que os sujeitos experimentem vivências significativas para que se eduquem socialmente. (SENA, MACEDO E SOARES, 2012, p. 18 apud FERRARI, SAVENHAGO E TREVISOL, 2014, p. 18)

A ludicidade, que tem sua origem no latim “ludus” e significa “jogo, divertir-se”, está associada tanto a brincar de forma livre e individual, como também ao jogo com regras. Para

Apaz et al. (2012 apud. FERRARI, SAVENHAGO E TREVISOL 2014) o lúdico é como se fosse parte inerente do ser humano, e por isso pode ser utilizado como recurso pedagógico oportunizando a aprendizagem do indivíduo. Assim, o professor que se utiliza da ludicidade facilita tanto o desenvolvimento da inteligência da criança, como também a sua socialização.

Na verdade, o brincar representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. Brincar exige concentração durante grande intervalo de tempo. Desenvolve iniciativa, imaginação e interesse. Basicamente, é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, a parte emocional e o corpo da criança. (HARRES, PAIN, E EINLOFT, 2001, pp.79-80 apud FERRARI, SAVENHAGO E TREVISOL, 2014, p. 17)

Portanto, a utilização do lúdico como estratégia de ensino pelos professores na escola traz grandes benefícios para o desenvolvimento integral da criança. Contribui, ainda, para que ela se envolva por inteiro nas atividades realizadas na sala de aula e assim desperte seu interesse, fazendo com que o aprendizado aconteça verdadeiramente, como também contribui para a sua formação social, inserindo-a na realidade social e fazendo com que ela compreenda as regras do meio no qual ela está inserida.

Além disso, o brincar faz com que ela se expresse e comunique aquilo que acontece com ela, dando oportunidade para o professor adentrar em sua realidade e ajudá-la a lidar com as diversas situações que ela vive, especialmente no ambiente familiar que geram os comportamentos agressivos, manifestados também na escola.

4.1 Algumas Atividades Lúdicas

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), volume 3, propõe para os professores seis eixos de trabalho orientados para a construção de diferentes linguagens pelas crianças, dentre os quais citaremos quatro deles em que o lúdico pode ser utilizado como facilitador da aprendizagem e propiciador de um ambiente no qual a criança pode expressar-se livremente, comunicando os diversos sentimentos que existem dentro de si. São eles: Artes Visuais, Movimento, Música e Linguagem oral e escrita.

- **Artes Visuais**

O RCNEI (1998) afirma que as artes visuais estão presentes no dia a dia das crianças e que através daquelas, estas podem se expressar, se comunicar, atribuir sentido a sensações, sentimentos, aos pensamentos e à realidade.

Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos, e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (RCNEI, 1998, p.84)

Apesar das artes visuais serem uma forma de linguagem sempre presente na expressão e comunicação do homem, e por isso mesmo fazerem parte do cotidiano das crianças, no contexto da educação infantil nem sempre foram usadas da forma mais adequada pelos professores.

Segundo o RCNEI (1998), as artes visuais ainda são utilizadas como passatempos na sala de aula e as atividades de desenhar, pintar, colar e modelar com argila ou massinha são realizadas sem nenhum significado. Ou então, são utilizadas apenas com uma dimensão decorativa, na qual são utilizadas para enfeitar as paredes com cartazes ou elaborar convites para os pais, e nestas ocasiões, muitas vezes, as crianças tem pouca participação no trabalho, devido os adultos considerarem que elas não têm competência para isso.

Além disso, as artes visuais também são utilizadas para reforçar a aprendizagem nos mais diversos conteúdos, como por exemplo, como cita o RCNEI (1998, p. 85) “colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para a fixação e memorização de letras e números”.

Diante dessas situações em que as artes visuais são utilizadas, o RCNEI (1998) afirma que estas são uma linguagem que tem estrutura e características próprias e propõe a utilização destas integrando os seguintes aspectos: o fazer artístico, cujo objetivo está centrado na exploração, expressão e comunicação dos trabalhos de artes através de produções artísticas, desenvolvendo um percurso de criação pessoal; a apreciação, que é a percepção do sentido que o objeto propõe, tendo como objetivo desenvolver a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores; e a reflexão, cujo objetivo é pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico, compartilhando perguntas e afirmações que a criança faz estimulada pelo professor e no contato com as próprias produções e as dos artistas.

Nesse sentido, percebe-se que o RCNEI (1998) conduz a utilização das artes visuais de forma adequada em sala de aula para que sejam instrumentos propícios para a

aprendizagem da criança, para a expressão de seus sentimentos e ideais, e estímulo à criatividade e imaginação. Sobre a importância da arte no desenvolvimento infantil ALBINAT (2009 apud. SILVA et al, 2010) aponta:

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente, e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência e adaptação social. (ALBINAT, 2009, p.4 apud. SILVA et al, 2010, p. 98)

Como as crianças com comportamento agressivo, da educação infantil, geralmente agem assim como forma de manifestar em atitudes aquilo que não conseguem por palavras, o professor pode utilizar as artes visuais, como o desenho e a pintura para que ela possa traduzir por meio do lápis e do papel aquilo que acontece com ela.

A criança desenha aquilo que sente: receios ou desejos, o que ela gosta ou desgosta, aquilo que a impressiona. Suas impressões são como que um desabafo, uma confiança, uma tradução direta do seu psiquismo. Essa expansão traz-lhe imenso alívio. (SCHIMIDT, 1969, p. 120)

Sendo o desenho como que um desabafo da criança e ao mesmo tempo algo que lhe acalma, o professor terá tanto material para compreender o que acontece com ela como oportunidade para estimular o processo de ensino e aprendizagem.

É necessário que durante essas atividades o professor respeite as peculiaridades de cada criança, não comparando os trabalhos umas das outras para que elas não desistam de se expressar e assim se sintam reprimidas, se isolando ainda mais do contexto escolar.

O desenho e a pintura da criança são feitos tanto para o seu próprio prazer quanto para o prazer dos outros. O pequeno desenha para ser aceito, para estabelecer um regime de troca, isto é, para obter atenção, elogio, aprovação. Uma censura ao seu trabalho pode estancar a fonte de inspiração. Quantas crianças, quando criticadas, declaram que não sabem mais desenhar e se recusam a prosseguir nas suas criações! (SCHIMIDT, 1969, p. 118)

Ainda segundo a autora, a interpretação dos trabalhos infantis não deve ser feita em abstrato, mas devem ser recolocados no seu contexto, pois só assim eles têm significação

plena. O que realmente importa é saber quais as situações familiares que a inspiraram, como também observar o modo como foram realizados.

Todo desenho se caracteriza pela cor, pela linha, pela forma e pela sua situação na folha de papel. A cor é a expressão da intensidade e do grau da vida afetiva. [...] É opinião corrente que, de modo geral, as cores quentes significam espontaneidade no comportamento, boa adaptação ao grupo; ao passo que as cores neutras são índice de interiorização, de independência e de agressividade para com os adultos. (SCHIMIDT, 1969, pp. 121-122)

Diante disso, é perceptível que não só o desenho, mas também as demais atividades que envolvem artes visuais são instrumentos que podem ser utilizados de forma lúdica para a promoção da aprendizagem de forma eficaz, como também uma linguagem propícia para a criança expressar seus sentimentos, e assim permitir que o professor a ajude a organizá-los dentro de si.

• **Movimento**

De acordo com o RCNEI (1998, p. 15), o homem começa a se movimentar desde que nasce, faz parte do seu desenvolvimento e da sua cultura. Andar, correr, saltar são movimentos que vem sendo construídos ao longo da história de acordo com a necessidade, interesse e possibilidades culturais do homem. Assim, diversas manifestações dessa linguagem foram aparecendo, como a dança, o jogo, as brincadeiras, o esporte, entre outros, cujos gestos, posturas e expressões são realizados com intencionalidade.

A criança engatinha, caminha, manuseia objetos, corre, brinca sozinha ou em grupos, entre outros, com a intenção de experimentar novas maneiras de utilizar seu corpo e movimento. Segundo o RCNEI (1998):

Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano é mais do que movimentar-se no espaço: constitui-se como linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (RCNEI, 1998, p.15)

Nesse sentido, o RCNEI (1998) deixa explícito que o ser humano não se movimenta apenas com o intuito de se deslocar, mas que o movimento também é uma linguagem utilizada pelo homem para se expressar. Por isso, na educação infantil este deve ser bastante

explorado, isto é, as crianças não devem ter seus movimentos reprimidos, impondo a elas rígidas restrições corporais, como permanecer muito tempo em fila sem poder se mexer. Essas rígidas imposições podem dificultar o pensamento e a manutenção da atenção, além de provocar o desenvolvimento de um comportamento passivo nas crianças ou estimular o surgimento da hostilidade na relação da criança com o professor.

Ao contrário do que alguns professores podem pensar, o RCNEI (1998) afirma que:

O movimento para crianças pequenas significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressivas, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos (RCNEI, 1998, p. 18)

Assim, reprimir as crianças com comportamento agressivo pode contribuir para que elas tenham mais atitudes hostis em relação aos professores e colegas ou que elas se isolem ainda mais do grupo. Nesse sentido, sendo o movimento uma linguagem que também permite a criança expressar o que sente, além de estimular o desenvolvimento sensório-motor, o professor pode utilizar atividades desse tipo para permitir que a criança expresse os seus pensamentos, como também experimentar se relacionar com as pessoas e com os objetos de forma saudável. Como afirma o RCNEI (1998, p.19) “a externalização de sentimentos, emoções e estados íntimos poderão encontrar na expressividade do corpo um recurso privilegiado”.

Segundo Garanhani (2004 apud. GARANHANI, NADOLNY, 2010, p. 67) a criança precisa se movimentar para conhecer e compreender os significados do seu meio. Nesse sentido, para que a criança compreenda e expresse os significados presentes no seu contexto histórico-cultural, ela precisa agir no ambiente e sobre ele, para assim construir seus pensamentos. Assim, o trabalho com a linguagem corporal com crianças com atitudes agressivas permite que ela se comunique, se expresse e se adapte ao meio no qual está inserida.

Sobre os conteúdos que podem ser utilizados pelo professor, o RCNEI (1998) afirma que:

os conteúdos deverão priorizar os desenvolvimentos das capacidades expressivas e instrumentais do movimento possibilitando a apropriação corporal pelas crianças de forma que possam agir cada vez mais com intencionalidade. Devem ser organizados num processo contínuo e integrado que envolve múltiplas experiências corporais, possíveis de serem realizadas pela criança sozinha ou em situação de interação. Os diferentes espaços e

materiais, os diversos repertórios de cultura corporal expressos em brincadeiras, jogos, danças, atividades esportivas e outras práticas sociais são algumas das condições necessárias para que esse processo ocorra. (RCNEI, 1998, p. 29)

Assim, o professor precisará dispor de sua imaginação e criatividade para preparar as atividades que envolvam a linguagem corporal, como brincadeiras, danças e atividades esportivas, utilizando os espaços e materiais disponibilizados pela instituição escolar, de forma que possibilite às crianças o seu desenvolvimento integral.

- **Música**

Sobre a música, o RCNEI (1998, p. 45) inicia afirmando que ela é “uma linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre som e silêncio”. A música é mais uma linguagem que o ser humano utiliza para se expressar, para comunicar seus sentimentos.

Segundo o RCNEI (1998), a música integra os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos e promove a integração e comunicação social. A linguagem musical possibilita o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento.

Porém, nem sempre a música é entendida como linguagem por alguns professores e acaba não sendo utilizada de forma adequada, não sendo extraído dela o que de fato pode oferecer para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, como por exemplo quando a música é utilizada apenas para “a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol, etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo, simbolizados no dia da árvores, dia do soldado, dia das mães etc. [...]” (RCNEI, 1998, p. 47).

O que o RCNEI (1998) propõe é o contato das crianças com a música desde os primeiros anos de vida, para que se inicie realmente o processo de musicalização, de modo que as crianças vivenciem e reflitam sobre questões musicais, para também promover o desenvolvimento de habilidades, de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos. De acordo com o RCNEI (1998),

ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem

necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (RCNEI, 1998, p. 48)

Ainda segundo o RCNEI (1998), até os três anos de idade as crianças incluem as músicas nas suas brincadeiras, cantando enquanto brincam, dançando e dramatizando diferentes situações sonoras, conferindo personalidade e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais ou à sua produção musical. A partir dos três anos, os jogos são mais prazerosos e quando unidos à música, são possibilidades efetivas de desenvolvimento motor e rítmico, ou seja, o professor pode se utilizar do movimento para promover o aprendizado da linguagem musical. Nessa fase também, é comum a criança inventar longas canções quando estiver brincado sozinha.

A música contribui para a expressão de sentimentos e pensamentos, ajuda na compreensão de valores e significados culturais do meio no qual a criança vive. Ou seja, a música na educação infantil contribui não só para a formação musical, mas também para a formação de valores como respeito, amizade, cooperação, além de contribuir para a transformação social. Assim, a música ajuda a controlar a agressividade das crianças, pois contribui para a formação e desenvolvimento do equilíbrio e personalidade destas.

- **Linguagem oral e escrita**

De acordo com o RCNEI (1998), o trabalho com a linguagem compõe um dos eixos básicos da educação infantil, tendo em vista que ela é importante e contribui para a formação do sujeito, para a interação com outras pessoas, para a orientação das ações das crianças, construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. Além disso, proporciona a ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças.

Ainda segundo o RCNEI (1998), através da linguagem é possível comunicar pensamentos e ideias, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Afirma, ainda, que o aprendizado da linguagem acontece dentro de um contexto, pois esta não é apenas uma lista de palavras, e que por isso a comunicação apenas acontece por meio de diálogo. Por isso, se torna importante estimular as crianças falarem em diversas situações, como contar o que aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo, etc., pois assim poderão ainda mais desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa.

O RCNEI (1998, p. 125) ainda expõe que “aprender a falar, portanto, não consiste apenas em memorizar sons e palavras. A aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma desarticulada com a reflexão, o pensamento, a desarticulação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos”.

A criança tem a necessidade de se comunicar com o adulto desde muito pequenas, o RCNEI (1998) afirma que “muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros” (RCNEI, 1998, p. 126). Essa comunicação que o bebê tenta estabelecer com os adultos, é apoiada pelos gestos, sinais e pela linguagem corporal. Assim, como as crianças, nessa fase da educação infantil, ainda estão aprendendo e desenvolvendo a linguagem, conseguem expressar o que sentem e o que pensam muito mais pelo comportamento, do que pela fala. O estímulo da aprendizagem da linguagem oral com a ajuda de um adulto, também se torna importante para que as crianças que se comportam de maneira agressiva, aprendam a se expressar por meio das palavras, e assim ter um maior equilíbrio em suas atitudes, como afirma o referencial “quando a criança fala com mais precisão o que deseja, o que gosta e o que não gosta, o que quer e o que não quer fazer e a fala passa a ocupar um lugar privilegiado como instrumento de comunicação, pode haver um predomínio desta sobre os outros recursos comunicativos” (RCNEI, 1998, p. 126)

A ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolve tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras etc., como a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (RCNEI, 1998, p. 127)

E nesse contato com os mais diversos textos presentes no ambiente é que a criança descobre a função da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade pela linguagem escrita. Nesse sentido, uma prática que o professor pode adotar em suas aulas como forma de ensino da linguagem oral e escrita é a contação de histórias, tanto através de livros como histórias criadas por eles, permitindo que a criança também faça parte dessa arte de contar e criar histórias.

Além do desenvolvimento intelectual que o contar histórias proporciona para as crianças, essa ação permite também que elas resolvam situações futuras e passadas, como afirma Abramovich (2005 apud SANTOS, 2011):

Ler histórias para crianças [...] é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...], através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo)... [...] e, assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH, 2005, p. 17 apud SANTOS, 2011, p. 26).

O ouvir histórias permite que as crianças resolvam alguns conflitos dentro de si, decepções e conquistas, uma vez que ao escutar as trajetórias das personagens, elas são capazes de compará-los com as suas próprias vivências. Pois por meio das histórias e das reflexões realizadas, a criança reconstrói sua forma de pensar, de ver a si mesma e ao mundo, e isso é refletido em suas atitudes.

Portanto, além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, a contação de histórias ao reunir ficção e realidade, estimula a imaginação e dá oportunidade de repensar o real, fazendo com que através da reflexão e do diálogo, a criança seja capaz de modificar o seu comportamento.

Assim, pode-se perceber que o RCNEI (1998) estimula os docentes a utilizarem a ludicidade como estratégia de ação, por entender também que a brincadeira é uma das atividades essenciais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. O RCNEI (1998, vol 2) afirma que

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização de regras e papéis sociais. (RCNEI, 1998, vol. 2, p. 22)

Diante disso, compreendendo que as crianças que vivem em situações de conflitos, principalmente em suas famílias, desenvolvem um comportamento mais agressivo como forma de resolver os conflitos que existem dentro de si mesmas, é necessário fazer com que elas se expressem e se comuniquem para ordenar aquilo que sentem e consigam reelaborar os acontecimentos do meio em que vivem.

Nesse sentido, entendemos que a brincadeira além de proporcionar à criança a construção de sua identidade e a conquista da sua autonomia, permite que ela enfrente seus medos e descubra suas limitações, fazendo com que ela expresse seus sentimentos, melhorando, assim, a sua relação com as pessoas ao seu redor. Além de proporcionar, também, maior prazer na criança, facilitando o processo de aprendizagem.

E sendo o RCNEI (1998) um documento de fácil acesso aos docentes, estes podem utilizá-lo constantemente para orientá-los em suas estratégias de ação, para assim se aperfeiçoarem em suas práticas cotidianas, e buscarem dar uma melhor qualidade na educação das crianças, tendo em vista tanto o desenvolvimento destas como também a formação social delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a ludicidade ainda não é uma estratégia de ação amplamente utilizada pelos professores, mas ainda existem aqueles que preferem os métodos tradicionais, principalmente no processo de alfabetização, e que muitos educadores apenas olham para as atitudes dentro da sala de aula e não levam em consideração o contexto no qual a criança vive no leito familiar e aquilo que ela traz consigo, é que esse trabalho busca contribuir para que um novo olhar sobre as criança com esse comportamento, e sobre a forma de ensiná-la seja lançado.

Acreditamos que esta pesquisa tenha alcançado seus objetivos de analisar a ludicidade como instrumento propulsor da aprendizagem de crianças agressivas, pois foi percebido que a ludicidade permite que a criança se expresse livremente, ordenando os sentimentos dentro de si e compreendendo a realidade a sua volta, além de tornar a atividade mais prazerosa, facilitando a aprendizagem infantil. Isso foi possível através da verificação da relação entre o comportamento agressivo e a situação familiar na qual a criança se encontra, pois, a família não sendo uma referência para a criança, esta irá buscar a segurança que ela precisa em outros adultos e isso afeta o seu comportamento; da discussão como esse comportamento pode afetar a disposição para aprender e como a atitude do professor e a compreensão deste diante de um comportamento agressivo pode contribuir para que a criança consiga lidar com os conflitos dentro de si; e do entendimento que essa atitude e compreensão do professor passa pela sua estratégia de ação dentro da sala de aula e, que esta é a ludicidade.

E para melhor contextualizar como a ludicidade pode ser utilizada dentro da sala de aula com as crianças, foi citado nesta pesquisa o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil, especialmente o volume 3, pois foi um documento feito para os professores, que traz orientações de eixos de trabalho que podem e devem ser utilizados por eles, para assim melhor contribuir para a formação e desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, fica explícito que a ludicidade tem sido cada vez mais vista e identificada como a estratégia de ação que mais contribui e facilita o processo de aprendizagem infantil, pois o lúdico permite a construção e reconstrução do mundo, permite o amadurecimento de algumas capacidades de socialização, através da interação, da utilização e da experimentação das regras e papéis sociais presentes nas brincadeiras, além de contribuir para o desenvolvimento social, intelectual e emocional das crianças.

Consideramos que este trabalho seja de relevância para a área da educação infantil, pois está se tornando frequente o número de famílias que não conseguem proporcionar às crianças o cuidado que elas necessitam, devido a situações de risco e vulnerabilidade social, influenciando diretamente o desenvolvimento psíquico, afetivo, cognitivo e social das crianças, que fazem com que estas não vivam a infância de forma saudável. Consequentemente a escola é atingida por essa realidade, visto que a criança da educação infantil passa maior parte do seu dia na creche ou pré-escola.

Nesse sentido, se faz necessário que os professores estejam aptos para lidar com as mais diferentes realidades infantis, para assim planejar e executar as suas estratégias de ação, para melhor contribuir para a educação e formação da criança, mesmo que a educação familiar esteja ausente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e prática dos professores**. 12 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARREIRO, Irandé Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. 1 ed. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: disposições constitucionais pertinentes: lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. – 6. Ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998 Vol 3.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998 Vol 2.

BRENNAND, Eládio J.G.; MEDEIROS, José W. de Moraes; FIGUEIREDO, Maria do A. C. **Metodologia Científica na Educação a Distância**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012.

DALPIAZ, Gisele. **Agressividade na educação infantil** [trabalho de conclusão de curso]. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.

FERRARI, Karimone P. Galio; SAVENHAGO, Suzana Dambros; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. A contribuição da ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento da criança na educação infantil. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 17-22, jan/jun. 2014.

FRANCO, Marcela Rezende. **A importância da família no processo de aprendizagem na educação infantil**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-familia-no-processo-de-aprendizagem-na-educacao-infantil/134575/> acessado em 18/09/2016.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Agressividade na primeira infância**: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche [tese de doutorado]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2005.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia escolar**. 3d. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

PICKARD, Phylis Marguerite. **A criança aprende brincando**. São Paulo: Ibrasa, 1975.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 3 Ed. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Ellen Fernanda. Agressividade Infantil: possíveis causas e consequências. **Revista científica eletrônica de psicologia**: n. 11, nov. 2008.

SANTOS, Klícia Grijó dos. **Educação infantil e violência**: o lúdico como proposta para amenizar os atos agressivos no C.M.E.I Maria Clara Machado. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/178_233.pdf acessado em: 18/09/2016

SCHIMIDT, Maria Junqueira. **Educar pela recreação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1969.

SILVA, E. A.; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L.; et al. **Fazendo arte para aprender**: a importância das artes visuais no ato educativo. *Pedagogia em ação*: v. 2, n.2, p. 95-104, nov. 2010.

SANTOS, Rosana Maria dos. **A contação de história como instrumento de socialização na educação infantil** [trabalho de conclusão de curso]. Três Cachoeiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação (FACED), 2011.

NADOLNY, Lorena de F; GARANHANI, Marynelma Camargo. **O movimento do corpo infantil: uma linguagem da criança**. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, p. 65 – 74, 2010.